



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

“A cultura do cuidado como percurso de paz”

Pe. Carlos Cabecinhas

O início de um novo ano renova sempre a nossa esperança, alimenta em nós a expectativa de que este ano seja melhor do que o que terminou, mesmo quando temos consciência de que as dificuldades que nos afetaram em 2020 não estão definitivamente superadas.

No início deste novo ano de 2021, que o Santuário dedica atenção à fragilidade humana, iluminando-a com a fé cristã e partindo da mensagem de Fátima, importa acolhermos a exortação do Papa Francisco à “cultura do cuidado” pelos outros.

A pandemia que nos atingiu e que continuará a acompanhar-nos ao longo deste novo ano, veio pôr em causa as nossas seguranças, que julgávamos inabaláveis, e deixou a descoberto as enormes fragilidades nossas e daqueles que nos cercam ou com quem nos cruzamos. A crise económica provocada pela pandemia, por outro lado, deixou bem patente as grandes dificuldades que tantas pessoas sentem hoje em dia naquilo que é mais básico. Diante disso, importa afirmar que a tentação da indiferença, por um lado, e o perigo de encararmos os outros como uma ameaça, por outro, não são nunca caminho ou solução. Por isso, o Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, a 1 de janeiro de 2021, convidamos a iniciar o novo ano, refletindo sobre “a cultura do cuidado como percurso de paz”. Vale a pena prestar-lhe a devida atenção.

O Papa apresenta-nos aquilo a que chama a “gramática” do cuidado, isto é, os princípios e critérios fundamentais do cuidado pelos outros: “a promoção da dignidade de toda a pessoa humana, a solidariedade com os pobres e indefesos, a solicitude pelo bem comum e a salvaguarda da criação”. A cultura do cuidado manifesta-se, antes de mais no respeito pela dignidade de cada pessoa e pelos seus direitos. O respeito pela dignidade de cada pessoa leva-nos a assumir “a responsabilidade de acolher e socorrer os pobres, os doentes, os marginalizados”, diz o Papa. Depois, fala-nos do cuidado do bem comum e recorda o que tinha afirmado já anteriormente: que no contexto da atual pandemia, “ninguém se salva sozinho”. Refere também o cuidado através da solidariedade, que “exprime o amor pelo outro de maneira concreta, não como um sentimento vago, mas como a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”. Por fim, fala do cuidado e da salvaguarda da criação. A conclusão da mensagem é clara e taxativa: “Não há paz sem a cultura do cuidado”.

A mensagem de Fátima, que tem a paz no seu centro, orienta-nos para esta cultura do cuidado, como muito bem nos mostra o testemunho de vida dos Videntes, sempre preocupados com o bem que poderiam fazer aos outros, sempre atentos aos mais pobres, mas também aos familiares e vizinhos, ou aos peregrinos que os procuravam e lhes pediam que intercedessem pelas suas intenções. Como eles, somos todos nós que somos desafiados a viver este ano que agora se inicia com esta cultura do cuidado.

Desejo a todos os leitores da Voz da Fátima e aos peregrinos, colaboradores, amigos e benfeitores do Santuário um ano de 2021 repelo das bênçãos de Deus.

Apelo à fraternidade e à paz nas últimas celebrações de 2020



Nas celebrações do tempo de Natal, a tradicional osculação da Imagem do Menino Jesus foi substituída por uma vénia.

Reitor do Santuário presidiu à Missa do Natal do Senhor e à Missa da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus e exortou os peregrinos a uma atitude comprometida com o próximo.

Cátia Filipe

O Santuário de Fátima garantiu as celebrações de Natal e Ano Novo, respeitando as regras de segurança previstas, nomeadamente a necessidade de preservar o distanciamento físico entre peregrinos e o uso obrigatório da máscara em todos os seus espaços.

Na Missa do Natal do Senhor, o reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas, sublinhou a entrega de amor presente na Encarnação do Verbo e exortou os peregrinos a viverem este tempo numa atitude comprometida com a fraternidade cristã.

“Celebrar o Natal compromete-nos na nossa relação uns com os outros, nomeadamente na atenção a quem precisa de ajuda ao nosso lado. Se, em Jesus Cristo, Deus assume a nossa fragilidade, acolhê-Lo significa ven-

cermos a indiferença diante dos sofrimentos dos outros e estarmos dispostos a sermos suporte e ajuda para a fragilidade dos que nos cercam, com quem vivemos ou contactamos”, concluiu.

No final da celebração, cumpriu-se a tradicional veneração da Imagem do Menino Jesus, mas sem a tradicional osculação, sendo esta substituída por uma vénia.

Uma semana depois, na Missa de 1 de janeiro, que celebrou a Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, o sacerdote considerou a paz como missão cristã e o dom mais importante para o ano que agora inicia.

A partir da mensagem do Papa Francisco para este Dia Mundial da Paz de 2021, o sacerdote lembrou o desafio deixado pelo Santo Padre à “cultura do

cuidado” enquanto caminho para a paz.

“Somos desafiados a viver este ano que agora se inicia com esta cultura do cuidado pelos outros, e se, daqui a um ano, pudéssemos avaliar o ano 2021 e o avaliássemos como o ano do cuidado uns pelos outros, seria um ano ganho, teria valido a pena, mas isso depende de nós e do nosso empenho”, afirmou.

O ofertório deste tempo festivo, este ano é destinado à Diocese de Pemba em Moçambique, para os deslocados de Cabo Delgado, uma zona norte do país, onde existe uma grave crise humanitária devido aos ataques perpetrados por milícias fundamentalistas islâmicas, da qual resultaram mais de 2000 mortes e 560.000 pessoas deslocadas.

@fatima.pt e os novos púlpitos do

Aos poucos, as celebrações de Fátima começam a regressar à normalidade com a presença de peregrinos. Mas durante este ano de pandemia, o Santuário, como a Igreja em geral, teve de se adaptar e encontrar novas formas mais criativas de fazer chegar a mensagem de Fátima aos peregrinos privados de se deslocarem à Cova da Iria, tornando-a mais próxima.

Carmo Rodeia

O dia 14 de março vai ficar na história do Santuário. Nesse dia, às 11h00, pela primeira vez na história deste Santuário, em mais de cem anos, uma celebração estava a ser realizada à porta fechada, sem peregrinos. Este marco histórico, decorrente das condições sanitárias emergentes da pandemia, haveria de condicionar o Santuário em vários momentos do seu ano pastoral levando ao cancelamento de vários eventos e ao adiamento de outros. Um dos momentos mais difíceis foi, sem dúvida, a celebração do 13 de maio à porta fechada; uma dificuldade que se iria repetir em outubro, não de uma forma tão radical, mas com a entrada de peregrinos condi-

cionada a um máximo de seis mil pessoas.

Diante da inevitabilidade da ausência confirmada de peregrinos, nacionais e internacionais, competia ao Santuário encontrar um plano B para se fazer presente junto dos peregrinos que se encontravam impedidos de se deslocar à Cova da Iria.

O projeto de transmissão de quatro celebrações diárias – duas missas e dois terços –, presididas sempre a partir da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de segunda a domingo, em parceria com a TV Canção Nova Portugal e amplificado por outros meios da Igreja que prontamente corresponderam à retransmissão do sinal produzido em Fátima, haveria de mudar por completo a forma e o modelo de comunicação do Santuário de Fátima. As redes sociais transformaram-se no novo púlpito da Igreja em Fátima.

Estávamos no início de um confinamento, de tempo indeterminado, que impedia a celebração do culto com a presença física de fiéis. O estúdio improvisado permitia mitigar a ausência de peregrinos. E, se eles não podiam ir a Fátima, teria de ser forçosamente Fátima a ir até eles, levando-lhes o colo materno que o vírus lhes tinha roubado.

Diariamente, a partir deste lugar, Fátima fez-se presente na casa de milhões de espetadores que seguiram pela televisão por cabo, mas sobretudo através das redes digitais do Santuário – Facebook: @SantuárioFatima e Youtube: santuariodefátimaOficial – quatro celebrações diárias de Fátima. Logo na primeira semana, as novas tecnologias confirmavam o que a literatura sobre elas narra: chegar mais longe, aproximando Fátima dos peregrinos, onde quer que se encontrassem. E, de facto, Fátima tornou-se um verdadeiro altar do mundo, ligando todos os continentes, registando sempre milhares de seguidores em dire-

to, colados às transmissões nos canais do Santuário que, nesta primeira semana, entre 14 e 23 de março, registaram recordes de participação com uma assistência permanente entre os 2 500 e os 4 000 mil peregrinos virtuais em cada transmissão. Houve dias em que o terço às 18h30 e às 21h30 teve mais de 5 000 peregrinos em direto em cada um dos canais. O dia 25 de março haveria de ser outro marco. A Consagração de Portugal e de Espanha ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, a que se juntariam mais 22 países, foi a prova de como as tecnologias poderiam servir a Igreja a vencer distâncias e confinamentos.

Entre 16 e 23 de março, o Facebook teve um crescimento orgânico de 3 000 pessoas por dia. Neste momento seguem a página do Santuário 1,217 milhões, mais 200 mil do que no início de março. Nessa semana, pelo menos 2 milhões de pessoas estiveram no Facebook do Santuário, o que representou um aumento de 388%. As próprias publicações alcançaram 2,5M de pessoas, mais 69%, registando-se uma média de visualizações de 37 100 por conteúdo, nesse período. De resto, nessa semana registaram-se 980 mil interações, mais 182% do que era habitual.

Apesar da aposta no direto, seja no Facebook seja no Youtube, estas plataformas continuam a gerar números muito significativos para o Santuário no que diz respeito aos conteúdos publicados que são de variada ordem, refletindo as dinâmicas desenvolvidas e a vida diária deste que é um dos mais importantes santuários marianos do mundo. Resumos de notícias, informações, eventos, apresentação dos espaços são os conteúdos mais publicados, sempre acompanhados de fotos ou vídeos.

Hoje, o Santuário apenas transmite a Missa das 11h00, de segunda a domingo e o Terço



Consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria de Portugal e de Espanha bateu todos os recordes

A Consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, no dia 25 de março foi, porventura, uma das mais importantes e amplamente difundidas transmissões nas redes sociais do Santuário alguma vez alcançada. Pela primeira vez registou-se em direto no canal do Youtube, SantuárioOficial, do princípio ao fim de uma celebração, mais de 140 mil subscritores, para além, de mais de 50 órgãos de informação – web, por cabo e por satélite – “pendurados” no sinal em direto produzido pelo Santuário de Fátima.

Em Espanha esse sinal, emitido pela Televisão da Conferência Episcopal Espanhola, no cabo, permitiu ao canal o melhor e mais alargado share de audiências alguma vez alcançado pela televisão católica espanhola, mais de três milhões de espetadores.

Através do streaming das redes sociais do Santuário, vários canais, dos Estados Unidos ao México, Panamá, Índia ou Brasil, sem esquecer o continente europeu, retransmitiram o sinal produzido em Fátima.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Santuário

das 18h30, também de segunda a domingo, tendo estabelecido o acompanhamento em direto nos 1 500 seguidores em cada uma das celebrações, variando um pouco consoante o dia da semana.

Este ano, desde que começou o confinamento até 14 de dezembro, o Santuário fez 325 publicações, sendo 232 fotos e 93 vídeos. A página registou uma interação média de 7,5%, com mais de 63 milhões de minutos vistos (um aumento de 173% em relação ao ano de 2019). Os vídeos de um minuto foram visualizados por 4,7 milhões de pessoas (o que representou um aumento de 551% em relação ao ano anterior). O dia com mais visualizações foi o 13 de maio, com 2,2 milhões de minutos visualizados, seguido do 13 de outubro, com 915 mil minutos visualizados. Já os três vídeos mais visualizados e com maior alcance foram o Voltaremos, com 892 mil minutos visualizados, com um alcance estimado de 5,2 milhões de pessoas; seguido do vídeo #gratidão aos Peregrinos que alcançou 1,9 milhões de pessoas e gerou 166 mil interações. Finalmente, o terceiro vídeo mais visto foi o da Procissão das Velas de 12 de junho com um alcance estimado de 1,9 milhões, 182 mil minutos de visualizações e 167 mil interações.

Já no Youtube, o Santuário passou de 64 mil subscritores, no início do ano, para 72,6 mil (logo na primeira semana entre 16 e 23 de março); e agora tem mais de 185 mil subscritores. Em média seguem o canal do Santuário, em direto, entre 2 500 e 3 500 subscritores.

No Instagram, a rede social que mereceu uma atenção mais singular do Santuário neste ano de pandemia, foram feitas 110 publicações com uma média de 10 mil gostos por cada uma. 70% dos seguidores do Santuário são mulheres, a maioria, 69,8%, com idades compreendidas entre os 35 e os 65 anos.



185 mil subscritores

Total de **visualizações 11,1 milhões**

Horas de visualização 3,7 milhões

Duração média de visualização 2:06 minutos

Entre **300 e 500 pessoas estão sempre ligadas** ao Santuário através de www.fatima.pt

3 dias de maior audiência

13 de maio 550 mil visualizações

25 de março 405 mil visualizações

13 de outubro 92 mil visualizações

YOUTUBE, a rede em crescimento

Os nove meses que passaram desde o início do confinamento fizeram disparar os números do canal do Youtube do Santuário de Fátima. O número de subscritores, que se situa nos 185 mil, entre março e dezembro cresceu 63%. 66% dos subscritores são do sexo feminino e 34% do masculino, sendo a maior percentagem de subscritores os adultos com mais de 35 anos. Entre os 35 e os mais de 65 anos, a percentagem de subscritores ronda os 86,7%. A maioria dos subscritores é de Portugal (31,9%) logo seguida do Brasil (25,5%). Seguem-se subscritores de Espanha (8,6%), França (4,1%) e Itália (3,6%). Entre os diretos, feitos diariamente às 11h00 e às 18h30, e os vídeos publicados, registou-se um total de 11,1 milhões de visualizações, que representam um total de 3,7 milhões de horas. Em média, os subscritores deste canal demoram-se 20 minutos ou mais. Refira-se que 35% das visualizações do Canal resultam da sua subscrição, mas há 40% dessas visualizações que resultam de fontes externas, isto é, através da página do santuário- www.fatima.pt e WhatsApp ou de pesquisa no Youtube.



114 mil seguidores

110 publicações

Média de **10 mil gostos por publicação**

70% mulheres

69,8% com idades entre os 35 e 65 anos



1 236 661 seguidores

325 publicações em 2020

Publicação com maior alcance em maio: 1 939 240

5,5 milhões de visualizações no último trimestre

63,3 milhões minutos de visualizações

Vídeos mais visualizados



“Voltaremos!”

5,2 milhões pessoas alcançadas



“#gratidão aos Peregrinos”

1,9 milhões pessoas alcançadas



“Procissão das Velas | 12 de junho de 2020”

1,9 milhões de pessoas alcançadas

192 notícias

150 newsletters

398 102 visualizações

Tempo médio

de permanência: 1'28

www.fatima.pt

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Pe. Jorge Duarte

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

O segredo de calçar os sapatos dos peregrinos é não nos tornarmos protagonistas. Tentarmos ser um peregrino à procura dessa grande peregrinação que passa por dentro de cada um de nós e sem preconceitos

Fátima está-me nas entranhas e imagino que está nas entranhas de muita gente

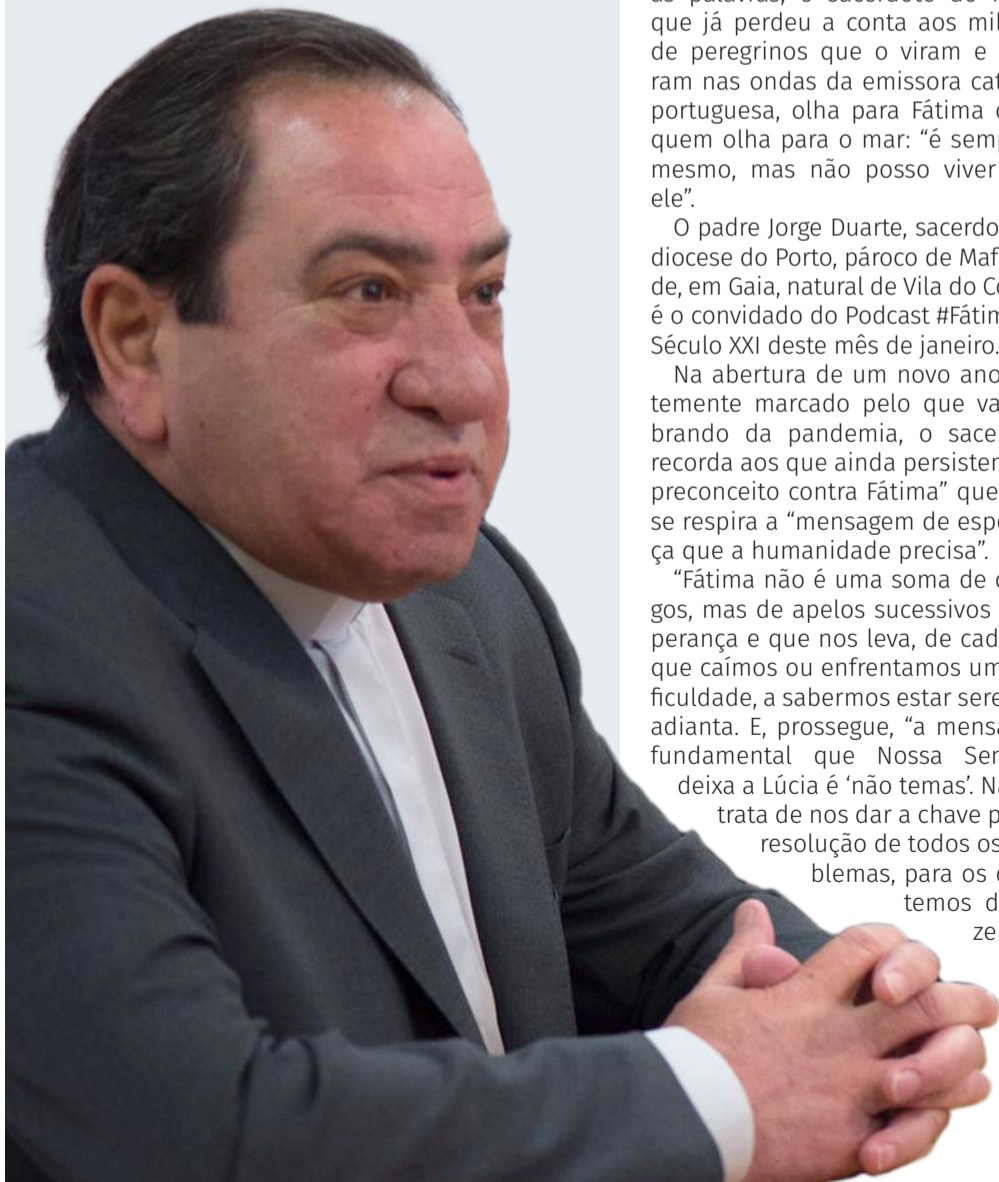


Foto: © Diocese do Porto

“Fátima não é uma soma de castigos, mas de apelos sucessivos à esperança”

O padre Jorge Duarte é a voz do comentário da Rádio Renascença de maio a outubro em Fátima. Fez o seu batismo na narração radiofónica em maio de 1982, durante a primeira visita de São João Paulo II, e de há 40 anos para cá regressa sempre ao mesmo lugar, reconhecendo que muita coisa mudou no espaço – “Fátima soube dialogar com a arte” –, mas no essencial o “grande milagre de Fátima são os peregrinos que continuam iguais”.

Carmo Rodeia

Fátima “é um convite à procura da verdade, daquilo que é essencial” e que é encontrar “um sentido para a vida”, para que ela seja vivida “com esperança”.

O diálogo entre Nossa Senhora e Lúcia, para que nada temesse porque teria sempre o Seu consolo, é a principal chave de leitura do padre Jorge Duarte para falar de Fátima, 40 anos depois de ter iniciado o seu primeiro trabalho como narrador da Rádio Renascença, nas grandes celebrações anuais, de maio a outubro de cada ano. Numa conversa despojada, ao jeito de quem fala mais com o coração do que com as palavras, o sacerdote do Porto, que já perdeu a conta aos milhões de peregrinos que o viram e ouviram nas ondas da emissora católica portuguesa, olha para Fátima como quem olha para o mar: “é sempre o mesmo, mas não posso viver sem ele”.

O padre Jorge Duarte, sacerdote da diocese do Porto, pároco de Mafamude, em Gaia, natural de Vila do Conde, é o convidado do Podcast #Fátima no Século XXI deste mês de janeiro.

Na abertura de um novo ano, fortemente marcado pelo que vai sobrando da pandemia, o sacerdote recorda aos que ainda persistem “no preconceito contra Fátima” que aqui se respira a “mensagem de esperança que a humanidade precisa”.

“Fátima não é uma soma de castigos, mas de apelos sucessivos à esperança e que nos leva, de cada vez que caímos ou enfrentamos uma dificuldade, a sabermos estar serenos”, adianta. E, prossegue, “a mensagem fundamental que Nossa Senhora deixa a Lúcia é ‘não temas’. Não se trata de nos dar a chave para a resolução de todos os problemas, para os quais temos de fazer a

nossa parte, mas dê-nos a serenidade de não entrarmos em pânico nas dificuldades da vida”, esclarece ao acrescentar a segunda parte do diálogo entre Nossa Senhora e Lúcia: ‘O meu imaculado coração por fim triunfará’.

“A esperança é a grande mensagem de Fátima; não é esperar que alguma coisa caia do Céu, mas acreditar que cada gesto, do mais pequenino ao maior, vale a pena para a construção de uma nova humanidade”.

“Em Fátima respiramos espiritualidade e humanidade. Se me permite a analogia ao Evangelho: Fátima é fazer a experiência de tocar a orla do manto, ir à procura do essencial e depois fazer a experiência bela de não sermos nós a tocar na orla do manto, mas de termos sido tocados por ele”, afirma numa analogia ao episódio da mulher que quer tocar no manto de Jesus para se curar.

Por isso, diz o padre Jorge Duarte, os peregrinos são, “a seguir a Nossa Senhora e aos pastorinhos”, o “verdadeiro e grande milagre de Fátima”.

“As multidões que ano após ano, sem esperarem nada de novo, regressam, estão e comovem-se com Fátima. As cerimónias são sempre iguais; sabemos minuto a minuto como tudo decorrerá; sabemos os sítios e as pessoas continuam a vir... Habituei-me a olhar para essas multidões vindo em cada peregrino uma história, um gesto que é caminho feito, uma lágrima que é vida. Tudo é espontâneo”.

“Não vejo qualquer diferença entre os peregrinos que tinham de dormir nos autocarros ou ao relento ou que demoravam horas a chegar a Fátima e os peregrinos de hoje. As condições podem ter mudado a todos os níveis, desde a mobilidade às condições de acolhimento e de alojamento, mas os rostos, os sorrisos e as lágrimas dos peregrinos mantêm-se como há cem anos. E por mais anos que passem os peregrinos serão sempre peregrinos”, afirma.

“Naquela esplanada encontra-se o silêncio e a paz” que permitem a “peregrinação mais difícil que é da cabeça para o coração” afirma re-

cordando o que lhe disse um amigo pessoal, dirigente da comunidade Hindu em Portugal. “Muitos dos peregrinos de Fátima nem são cristãos; há muitos que vêm em procura de um sentido de vida, de uma paz interior, de uma reflexão”.

“Fátima está-me nas entranhas e imagino que está nas entranhas de muita gente”. E, regressa aos preconceitos. “Ao longo destes anos descobri alguns preconceitos e numa peregrinação posso ver muitas coisas. Posso ver, por exemplo, a passadeira das promessas e só ver isto; posso fixar um rosto sacrificial, penitencial ou ritualista e isso são preconceitos” adianta, lembrando que “só entende Fátima” quem vem de coração “aberto e despojado” e quiser “deixar o coração falar”.

“O segredo de calçar os sapatos dos peregrinos é não nos tornarmos protagonistas. Tentarmos ser um peregrino à procura dessa grande peregrinação que passa por dentro de cada um de nós e sem preconceitos”, diz ainda.

E o que mudou ao longo de 40 anos, desde 82 até agora? “Muitas coisas mudaram no Santuário de 82 para cá” responde, elegendo o que designa por “o caminho da beleza, que foi uma escolha do Santuário”. “É evidente e claro o diálogo entre o Santuário e a cultura de hoje. Fátima é quase um museu a céu aberto no qual muitos artistas contemporâneos inscreveram o seu nome, deixando aqui obras de arte de valor incalculável do ponto de vista estético, inspiradas pela mensagem” refere o padre Jorge Duarte. “E a Igreja estava a necessitar de saber dialogar com a arte e a cultura do nosso tempo”.

“É uma beleza despojada, do novo Altar do Recinto à Basílica da Santíssima Trindade... Nós olhamos para estes locais e vemos a história recente do Santuário e o seu contributo para este diálogo com a cultura”, como foi a renovação litúrgica em Portugal. “Ainda está por fazer essa história, mas os encontros nacionais de Liturgia que decorreram em Fátima, mobilizando milhares de leigos, foram decisivos para a mudança litúrgica em Portugal”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Judah Bento Ruah (*28 de março de 1892 † 16 de maio de 1958)



São da autoria de Judah Bento Ruah as fotografias que perpetuaram o ambiente da Cova da Iria na Aparição de 13 de outubro. Estes registos são documentos únicos de Fátima, que permitem ver o lugar e uma parte do acontecimento no momento inicial da sua inscrição histórica.

Diogo Carvalho Alves

Filho de Hassan Bento Ruah e de Sol Bensaia Ruah, Judah Bento Ruah vem a Fátima a 13 de outubro de 1917 porque o tio, Joshua Benoliel, um dos mais reconhecidos fotojornalistas no Portugal de então, estando doente, pedira ao sobrinho que o substituísse naquela ida à Cova da Iria, para acompanhar o jornalista e seu companheiro de redação do jornal “O Século”, Avelino de Almeida.

São, por isso, deste engenheiro eletrotécnico os únicos treze registos fotográficos que existem do dia em que se dá a derradeira Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, onde a Virgem cumpre o milagre que havia prometido perante as cerca de 50 mil pessoas ali presentes e que ficou conhecido como o Milagre do Sol.

As fotografias retratam o ambiente e a multidão que se congregou na Cova da Iria, na



Judah Bento Ruah, na década de 1930.

quele dia chuvoso de outubro de 1917, em redor de três crianças. Através deste espólio que integra a Documentação Crítica de Fátima consegue perceber-se a geografia daquele espaço e conhecer a face daqueles que foram os primeiros peregrinos de Fátima. Num dos quadros, a objetiva de Bento Ruah capta Santa Jacinta Marto ao colo de um adulto, no meio

da multidão, naquele que é um dos registos mais naturais da pequena vidente.

“Estas fotografias são indissociáveis da história de Fátima, porque acabam por ter uma multiplicidade de significados simbólicos, respondendo a expectativas e contextos diferentes (...) e acabam por revelar e assegurar que isto aconteceu”, afirmou o fotógrafo e investigador Paulo Catrica, na segunda visita à exposição temporária do Santuário de 2018 - “As Cores do Sol” -, onde se debruçou sobre os registos fotográficos da autoria de Judah Bento Ruah, patentes naquela mostra.

Para este investigador, estes documentos históricos de Fátima “(re)constróem a paisagem da Cova da Iria antes de o ser e permitem-nos ver o lugar e uma parte do acontecimento no momento inicial da sua inscrição histórica”.

A PEÇA DO MÊS



MSF, inv. n.º 5484-TEX.II.795

Autor desconhecido, século XX

Matéria têxtil cosida e bordada com aplicação de franja

Ø 120 cm

Toalhas da peanha da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

O enobrecimento das imagens sagradas com recurso a ornamentos têxteis constitui uma prática assinalável ao longo da história da Igreja. No Santuário de Fátima, muito cedo se procurou a dignificação do lugar de exposição da Imagem da Virgem de Fátima através da colocação de peças de material têxtil (toalhas e fitas) sobre a peanha que assinalou o local exato das Aparições, à maneira de corporal que releva a sacralidade da relíquia exposta. A vontade de dignificar o lugar onde a Imagem – tomada como vera efigie da Mãe de Deus e, por isso, relíquia – é colocada à veneração dos fiéis constituiu móbil fundamental para a oferta destas peças, cuja presença se regista já em finais da década de 20 da centúria de Novecentos. As toalhas cobriam, assim, a parte superior da peanha nas diferentes peregrinações, deixando de ser ali colocadas com a reformulação da antiga peanha nos anos 80 (embora haja registos iniciais de nesta ainda serem usadas toalhas).

O espólio do Museu do Santuário de Fátima conserva vários exemplares, constituídos sobretudo por toalhas de formato circular, não obstante as provas documentais registarem formatos distintos, como o retangular, revelando delicados trabalhos de costura, crochê e bordados, nos quais pontuam sobretudo as cores branca e azul, alusivas à Virgem Maria. As toalhas mostram-se guarnecidas com motivos fitomórficos e geométricos, como a toalha com lírios bordados em fio de seda de matizes metalizadas sobre campo azul, de remate franjado.

Museu do Santuário de Fátima

FÁTIMA AO PORMENOR

Os ciclos das aparições de Fátima: angélico, mariano e cordimariano

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

A reflexão teológica sobre o acontecimento de Fátima, na tentativa de sistematizar o fenómeno em ordem a torná-lo compreensível e reflexível, fixou três ciclos distintos, correspondentes às aparições descritas por Lúcia de Jesus nas suas Memórias.

Ao ciclo angélico correspondem as aparições do Anjo da Paz, da Pátria e da Eucaristia, na primavera, no verão e no outono de 1916,

a que podem juntar-se também as manifestações de uma figura em 1915, que Lúcia testemunha com menos pormenor, mas já evidenciando aura de sobrenaturalidade.

Do ciclo mariano fazem parte as seis aparições da Mãe de Deus na Cova da Iria, nos dias 13, entre maio e outubro de 1917, sendo que a mariofania do mês de agosto ocorreria nos Valinhos, no dia 19 deste mês.

O ciclo cordimariano é

constituído por três aparições: em 10 de dezembro de 1925 (aparição de Maria e do Menino Jesus) e em 15 de fevereiro de 1926 (aparição do Menino Jesus), em Pontevedra (Espanha), e em 13 de junho de 1929 (visão da Santíssima Trindade e de Maria), em Tui (Espanha). Embora alguma literatura considere estas aparições como complementares, os teólogos que se têm debruçado sobre Fátima leem os conteúdos

destas visões como pontos fulcrais da espiritualidade de Fátima.

Os estudos mais atualizados, ainda que aceitem esta divisão por ser, sobretudo, pedagógica, tendem a ler a mensagem que transborda das aparições de Fátima como um todo, interpretando-a através do estabelecimento de pontes que unificam a experiência de Fátima através da história, da mensagem e da espiritualidade.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Contava-se, nos corredores de um seminário, a história do padre, recém-doutorado na mais prestigiada das universidades que o estrangeiro conseguiu criar, que fora enviado para uma missão no interior africano, numa pequena aldeia rodeada de savana a perder de vista. As más línguas testemunhavam o pensamento que este padre nunca partilhara com ninguém, mas que ele pensara de facto ao chegar à sua nova missão: “À esquerda, savana; à direita, savana. Para onde quer que olhe só se vê capim. E uma inteligência destas aqui enterrada!”. E mais não se dizia acerca das aventuras e desventuras deste reverendo doutor em terras africanas, mas este episódio bastava para um moralizante elogio da simplicidade necessária nas lides do Reino.

O desconcerto deste missio-

O elogio da insignificância

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Há uma dupla tentação nesta aventura de ser igreja. Por um lado, somos tocados por uma sede incontrolável de pintar a igreja com as cores da onnipotência. No reverso da medalha, (...) encontramos outra tentação não menos corrosiva: a letargia.

nário altamente preparado aproxima-se das primeiras palavras que, no seu famoso Diário de um pároco de aldeia, de 1936, Georges Bernanos coloca na pena do protagonista do romance, um jovem padre enviado para uma paróquia rural do norte da França: «A minha paróquia é devorada pelo tédio, é essa a palavra. Como tantas outras paróquias! O tédio devora-nos diante dos nossos próprios olhos e nós nada podemos fazer. Talvez um dia o contágio nos vença, descobriremos dentro de nós este cancro. Pode-se viver com isto durante muito tempo». É talvez um milagre que, na sua última palavra, no leito de uma morte precoce, este jovem padre venha a reconhecer que, no final, «tudo é graça!». Quem sabe se o doutor missionário veio também ele a reconhecer a graça de ser igreja na savana que não reconhece diplomas.

Há uma dupla tentação nesta

aventura de ser igreja. Por um lado, somos tocados por uma sede incontrolável de pintar a igreja com as cores da onnipotência, conquistando espaço social como quem convence o público a comprar um produto imprescindível. Talvez por isso as estatísticas tantas vezes nos desanimem ou assustem. Nesta lógica, há muito pouca diferença entre a igreja e um partido ou um clube, que chegaremos a defender cegamente para que o bom nome do grupo não seja nunca posto em causa. A ironia é que a igreja será apenas socialmente influente no que respeita à sua missão, na medida em que aceite que a sua missão não é a de ser socialmente influente. A missão da igreja não é de somar argumentos ou de conquistar o mundo, mas de testemunhar a amizade de Deus. Este é um processo eclesial bem mais difícil: não há estratégias pastorais eficazes nem sucesso aparente. Não

há técnicas ou mecânicas. Não se faz pastoral como quem monta a engenharia de um motor controlando todas as peças. Por mais diplomas que tenhamos, à volta tudo é savana. Mas é nesta

disponibilidade para ser testemunha na savana que se chega a reconhecer que tudo é graça. Na verdade, precisamos de menos palco, não de mais.

No reverso da medalha desta tentação de onnipotência encontramos outra tentação não menos corrosiva: a letargia. A herança de um sucesso eclesial aparente transforma a nossa vivência comunitária num dado adquirido que não estimamos o suficiente. É uma lição difícil, mas necessária, a de reaprendermos a bênção da monotonia nesta savana moderna dos sucessos imediatos e das alegrias fugazes. Preenchemos o ritmo litúrgico e eclesial com eventos e mensagens e iniciativas com a mesma fugacidade e indiferença com que cumprimos uma qualquer entrada no calendário. Mas este ritmo lento e repetitivo não é letargia, mas o tempo comprometido com a maturação do grão de mostarda.

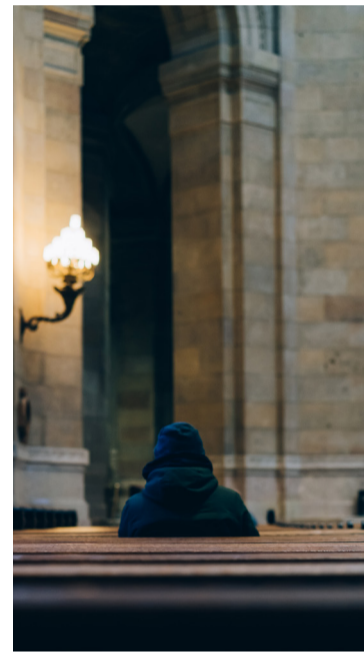


Foto © Ricardo Esquivel



OPINIÃO

Maria João Ataíde

Em cada novo ano que começa temos o hábito de rever, de refletir sobre aquilo que se passou, mas verifico agora que 2020 tem duas leituras! E curiosamente são 9 os meses que importam neste ano que revejo, pois em março uma nova realidade surgiu, a pandemia, tal como são 9 os meses de gestação de um ser humano...

Ah, rezando o terço, dou conta de que as aparições em Fátima foram também 9, sendo 3 as do Anjo da Paz para preparar os pastorinhos e 6 as da Senhora mais brilhante que o sol. No entanto, não tivemos preparação para a pandemia e já estamos cansados de ouvir e de falar sobre ela.

Como foi a adaptação a esta

Vamos juntos

Pedagoga

Nestes meses da nova realidade (não gosto do termo novo normal) há duas imagens que se destacam para mim como mais dramáticas, pelo contraste com o tempo anterior à pandemia. São dois Santuários...

nova realidade? Pessoalmente já vivi este fenómeno, pois em 1947 fiquei tuberculosa, e nesse tempo em que não havia vacinas nem tratamentos eficazes para tal doença, a criança que eu era (5 anos) encontrou dentro de si recursos para sobreviver à inação e ao isolamento fora da família, tal como explica o Cardeal Tolentino, no seu maravilhoso livro *Amar um País*, quando afirma que “há muitos recursos dentro de nós que habitualmente não precisamos sequer de ativar, mas que agora é o momento de pôr em prática”. Tal como hoje, o contágio era uma ameaça.

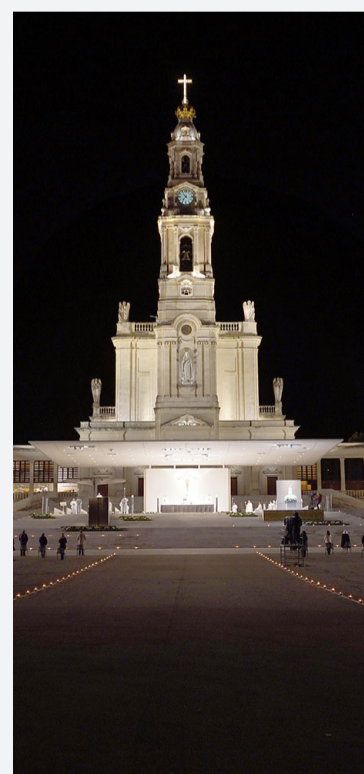
Talvez no início da pandemia essa experiência da infância tenha sido uma ajuda para o isolamento e as dificuldades de tratar das necessidades prementes do quotidiano, descobrindo, afinal,

que há hoje tecnologias e instrumentos que facilitam o confinamento, sendo que o mais importante é não perder o sentido que damos à vida e mesmo à morte, à medida que me chegavam as notícias terríveis de amigos e familiares que desapareciam, sem que fosse possível fazer o luto por eles.

Nestes meses da nova realidade (não gosto do termo novo normal) há duas imagens que se destacam para mim como mais dramáticas, pelo contraste com o tempo anterior à pandemia.

São dois Santuários:

O Santuário de Fátima, que conheço tão bem porque era o único local onde me levavam quando criança para receber a bênção dos doentes, e a Praça de São Pedro, em Roma. Em ambos estive muitas vezes, integrada em multidões de fiéis e,



embora conheça vários outros santuários no mundo, estes são únicos pela sua luminosidade e pelas figuras da Senhora Vestida de Branco e do Homem Vestido de Branco.

Pois ver através da televisão o Santuário de Fátima vazio de fiéis e assistir às celebrações conduzidas com a dignidade e o fervor habituais impressionou-me profundamente.

Na Praça de São Pedro a figura do Papa Francisco, só, rezando com o mundo em sofrimento é a outra imagem que não esquecerei. E retiro da Encíclica *Fratelli Tutti* esta afirmação: “Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente...; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente”.

Vamos a isso!

Em 61 anos de existência, o Sagrado Lausperene acompanhou várias gerações

“Estar ali é louvar e reparar Jesus, para como Ele eu conseguir chamar mais pessoas, falar com Ele como quem fala com um amigo que está tão longe, mas se faz próximo”

Cátia Filipe



A Ir.ª Maria Rosa de Sousa é uma das Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima que assegura a Adoração ao Santíssimo Sacramento em Fátima. Com 74 anos de vida, 53 dos quais dedicados à vida religiosa, a Ir.ª Maria Rosa começa o seu dia na Capela do Santíssimo Sacramento e afirma que aquela hora é a hora mais importante do seu dia.

Natural da Lagoa do Furadouro, Ourém, acompanhou desde cedo a mãe, “grande devota de Nossa Senhora de Fátima”, que vinha a Fátima para a adoração noturna. “A primeira vez que vi as Irmãs em adoração fiquei sem palavras; naquela capela, com aquele ambiente de silêncio, foi qualquer coisa que me tocou mesmo”, conta a religiosa que logo sentiu que seria aquele o caminho e recorda que pensou querer seguir aquele exemplo.

Durante muito tempo “não partilhei o meu desejo, mas pairava na minha ideia aquele sentimento de contemplar a Nosso Senhor. Um dia, juntamente com a minha prima, voltamos à Capela do Santíssimo, rezamos, e à saída falamos com uma das Irmãs Reparadoras, no sentido de perceber onde moravam”. “Quando isto aconteceu, eu ainda era muito jovem e a Ir.ª Maria Ernestina disse-me que seria preciso apenas um coração grande para Jesus, e isso eu tinha”, recorda a Ir.ª Maria Rosa, que só uns anos mais tarde revelou à mãe que iria seguir a vida religiosa.

No seu percurso enquanto Irmã Reparadora, esteve em Fátima, Famalicão, Covilhã, Tortosendo, Alemanha e Angola.

Já durante o postulante e noviciado, conta, “fazia adoração noturna, e eu muito gostava, nunca me cansei de me levantar a qualquer hora da noite para ir adorar a Jesus, sentir aquele silêncio”.



Ir.ª Maria Rosa, a reparadora que aprofundou vocação no Lausperene.

Foi no dia 1 de janeiro de 1960 que, pela primeira vez no Santuário de Fátima, o Santíssimo Sacramento foi exposto, na Capela do Hospital de Nossa Senhora do Carmo, atualmente Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo.

Na peregrinação de 13 de novembro de 1959, no Santuário de Fátima, D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, comunicou aos peregrinos que, depois do pon-

tifical que iria celebrar, na passagem do ano para 1960, levaria o Santíssimo Sacramento para a Capela de Nossa Senhora do Carmo, dando início ao Sagrado Lausperene, adoração perpétua, dia e noite, em exposição solene, que tinha sido um desejo do seu antecessor. A adoração foi confiada às Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores da Fátima, residentes na Cova da Iria.

Assim, o Lausperene foi instituído em toda a diocese, solicitando a colaboração de todas as paróquias e comunidades religiosas para passarem diante do Santíssimo Sacramento.

Em 1964 a antiga Capela do Lausperene estava situada no Albergue dos Doentes, atual Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores. Esta Capela ainda existe, com um vitral representativo do Milagre do Sol e com a pintura, na parede de fundo, a representar o triunfo do Imaculado Coração de Maria, duas obras do pintor italiano P. G. Lerário, dos frades conventuais.

Mais tarde, em 1987, foi inaugurada no Santuário a nova Capela da Adoração, que funcionou até ao dia 13 de julho de 2007. Este espaço de oração, localizado no fundo da Colunata Sul, atual Capela do Anjo da Paz, foi construído com as ofertas da associação austríaca “Cruzada de Reparação pelo Rosário para a Paz no Mundo”, e a primeira pedra foi benziada pelo Papa João Paulo II na sua primeira visita ao Santuário

de Fátima, a 13 de maio de 1982. É obra do arquiteto J. Carlos Loureiro e os dois vitrais da entrada são da autoria do pintor Orlando Sá Nogueira.

O ostensório, peça que expõe solenemente a hóstia consagrada, da autoria do escultor Zulmiro de Carvalho, foi transferido para a nova Capela do Santíssimo Sacramento, na Galilé de S. Pedro



Capela do Santíssimo está sempre aberta. Agora, com a Pandemia, encerra às 21h00.

e S. Paulo, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade.

A Ir.ª Maria Rosa acompanhou esta história de um dos locais mais emblemáticos do Santuário de Fátima e teve a graça de poder adorar o Santíssimo nas diferentes capelas onde teve exposto.

“A adoração foi ganhando um sentido ao longo dos anos, mas no fundo o objetivo é o mesmo”, considera a religiosa, que afirma

que atualmente o valor desta oração “é incalculável e, por pouco tempo que seja, é importante”. “Estar ali é louvar e reparar Jesus para, como Ele, eu conseguir chamar mais pessoas, falar com Ele como quem fala com um amigo que está tão longe mas se faz próximo”, explica a Ir.ª Maria Rosa que, mesmo depois de tantos anos, ainda se afirma “impres-

sionada com o respeito e a responsabilidade com que os leigos reparadores assumem este momento de oração”.

A adoração é assegurada pelas Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, congregação instituída pelo padre Cónego Formigão precisamente em resposta aos pedidos de reparação feitos por Nossa Senhora e pelo Anjo aos Pastorinhos.

Retiro de doentes e Reconciliação

Manuel Arouca | Responsável pelo setor da comunicação social do MMF



Nos Retiros de Doentes muitos são os momentos que enchem o coração dos doentes e dos seus cuidadores; a confissão, relacionada com muitas conversões e mudanças de vida, é um deles.

O senhor Faustino, da diocese de Leiria-Fátima, conta: “Havia um senhor alto e arrogante que trazia consigo a prepotência tão comum à realidade humana; não aceitava as regras impostas para o bem de todos, e num retiro dizia “não posso sair desta casa?”! O senhor Faustino, com toda a paciência do mundo, respondia-lhe que tinha todo o tempo e que no momento oportuno iriam os dois. O senhor levantava-lhe a bengala e ordenava “tem de ser agora”. O senhor Faustino perguntou-lhe o nome; “Joaquim”, respondeu. Foram criando empatia. “Amanhã ao fim da tarde vamos às velas para o senhor cumprir a sua promessa”, disse-lhe o senhor Faustino. Só que, antes, nos Valinhos havia a Reconciliação. O senhor Joaquim tinha muito mundo, mas nenhum amor no coração.

Não se conformava com mais essa espera. E a bengala agitava-se no ar. O padre Antunes falou da importância da reconciliação e, depois, o senhor Joaquim dizia: “É para ir para lá agora?”... Não deixava que o agarrassem no braço, que o conduzissem, e rabujando lá se foi confessar. Esteve duas horas com o padre. Desde que saiu da confissão, os olhos dele eram olhos de amor e de alegria. Queria dar um testemunho: “Tinha um amigo tão bom ao meu lado e fechei-lhe sempre a porta. Mas hoje entrou no meu coração. E a partir de hoje vou tentar salvar todos os meus irmãos de sangue”. Nunca mais se lembrou das velinhas. E aconteceu que uma senhora perdeu o bilhete da camioneta e não tinha dinheiro. Aquele senhor, que entrou no retiro com o coração duro e muita arrogância, disse para a senhora não se preocupar que lhe pagava o bilhete e estendeu-lhe uma nota de 5 000 escudos. Ele estava tão contente de ter vindo! Curou o mais importante, a alma.

É belo adorar Jesus escondido, com as crianças e os adolescentes

Faleceu a Irmã Marília do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Foi ela que a pedido do secretariado nacional do Movimento da Mensagem de Fátima, deu andamento à adoração com crianças a nível nacional. Em sua honra, publicamos este seu texto. Paz à sua alma!

Padre Manuel Antunes



Irmã Marília de Jesus Barbosa, rcsm | Texto escrito em 2008

Parece que foi ontem que iniciamos a experiência da Adoração Eucarística com crianças e adolescentes e já lá vão seis anos! Seis anos é um curto espaço de tempo, mas, pela graça de Deus, o Movimento da Adoração a Jesus Eucarístico com as crianças e os adolescentes já conquistou e continua a conquistar muito espaço territorial e, o que é melhor ainda, está incessantemente conquistando muitos corações.

Estamos conscientes de que esta maravilhosa ação de levarmos as crianças a adorar a Jesus na Eucaristia não é invenção nem obra nossa; é uma missão que nos veio de Deus através do seu Anjo, e é de Deus, porque a Ele se dirige.

Quando Deus quer, não há nada nem ninguém que possa contrariar ou deter os Seus desígnios de

amor e misericórdia. Pode haver e há dificuldades, mas os projectos de Deus realizam-se sempre.

Sentimo-nos, por isso, profundamente agradecidos ao Espírito Santo, que inspirou esta iniciativa, e à Senhora da Mensagem que, suavemente, vai abrindo caminho para que o Seu filho Jesus seja mais conhecido, mais amado, mais louvado e mais adorado.

Ao longo destes últimos seis anos, muita semente foi lançada. Alguns elementos do Secretariado Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima deslocaram-se a várias paróquias de quase todas as dioceses, onde realizaram ações de formação aos catequistas e adorações eucarísticas com as crianças e os adolescentes. E alegra-nos muito saber que a semente aí lançada germinou, cresceu e está a dar

bons frutos. Muitos catequistas e Mensageiros de Nossa Senhora empenharam-se em dar continuidade à Adoração a Jesus na Eucaristia com os seus grupos de catequese. Sabemos, por isso, que o número de crianças e adolescentes que fazem periodicamente adoração a Jesus escondido no sacrário ou exposto na custódia atinge já uns milhares. É que sacerdotes, pais, avós, catequistas e outros evangelizadores foram descobrindo a importância de ensinar e ajudar as crianças a rezarem e estão, assim, a dar resposta ao apelo forte e amoroso de Jesus: “Deixai vir a Mim as criancinhas” (Mt 19,14).

Estamos felizes, não por aquilo que fizemos, mas pelo que vemos, sentimos e quase palpamos que Deus vai realizando através de nós. Louvado seja Ele!

A Senhora cheia de graça

Pe. Dário Pedroso

O mês de janeiro, e, portanto, cada ano civil, começa com uma Solenidade de Nossa Senhora. Começamos sempre do melhor modo possível, com a Mãe de Deus, o maior de todos os títulos e de todas as missões da Virgem de Nazaré. Daí o ter sido concebida sem pecado, o ser, como Lhe disse o Arcanjo no dia da Anunciação, “cheia de graça”, plena da vida de Deus, impregnada do divino, repleta de toda a santidade na máxima perfeição. A graça é a vida de Deus, a vida trinitária em amor pleno e perfeito. É esse dom que Maria Santíssima recebeu de Deus e que viveu intensamente. Por isso a Solenidade da Mãe de Deus é para nós um modo excelente de iniciar o ano. Começamos com a Mãe de Deus, a Mãe da Humanidade, a Mãe da Igreja, a Mãe das famílias, a Mãe de cada um de nós. Que poderíamos desejar mais? Louvores, honra, e glória à Mãe de Deus, a Cheia de Graça.

Suplicar graça

Nascemos com o pecado original que nos foi perdoado no batismo, mas somos frágeis e pecadores, temos tendências más, cedemos às tentações, somos homens e mulheres pecadores; todos sem exceção. Os santos e as santas também o foram, mas nunca desistiram. Foi com a proteção, o amparo, a ajuda da Cheia de Graça que conseguiram lutar, vencer batalhas, alcançar a heroica santidade. Olhando o mundo à nossa volta vemos, sentimos, tocamos o mal e o pecado de muitos modos, dentro e fora da Igreja, nas famílias e em nós mesmos. Só a Cheia de Graça, a vencedora da serpente maligna, a vencedora do dragão, daquele a quem Jesus chama o pai da mentira, o homicida desde o início, o príncipe das trevas, o enganador astucioso, só Ela, a Santa Mãe de

Deus, nos pode ajudar a vencermos batalhas, a crescermos na santidade pessoal e comunitária e a construirmos um mundo onde reine a paz, a justiça, a beleza do amor. Só a Cheia de Graça, a quem devemos recorrer cada dia muitas vezes, Ela que tem o poder de intercessão junto de Jesus Redentor, nos poderá ajudar no meio deste “vale de lágrimas” a lutar por um mundo melhor, mais digno, onde se respeitem a vida e a dignidade da pessoa humana. Só Ela, a Cheia de Graça, a Mãe de Deus, pode ajudar a Igreja a converter-se sempre mais em Esposa santa de Jesus Cristo. Só a Cheia de Graça pode ajudar os jovens a descobrirem o valor da virgindade, da consagração, da entrega a Deus. Só a Mãe de Deus nos pode ajudar a crescermos na santidade, a lutarmos contra o mal e o pecado. Supliquemos sem cessar a

sua ajuda, a sua intercessão de onipotência suplicante: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

Consagrar-se à Cheia de Graça

Que belo e maravilhoso dia, que bela Solenidade de Nossa Senhora para nos entregarmos a Ela, para Lhe consagrarmos o nosso ano, a nossa vida, a nossa família, a Igreja, a humanidade, cada pessoa e cada paróquia: todos entregues à Mãe De Deus, a Cheia de Graça, com confiança renovada, com renovado empenho de lutarmos pela santidade, de fazermos este mundo melhor, de ajudarmos a converter inteligências e corações, sobretudo daqueles que governam os povos e têm nas mãos os destinos das pessoas, da paz, da vitória con-

tra o mal. Começamos o ano no Coração da Cheia de Graça, com o propósito firme de A imitar, de com Ela lutar contra o mal, o pecado, o maligno; começamos o ano unidos à Mãe de Deus, a Cheia de Graça. Rezemos em família, em paróquia, em comunidade, em diocese, suplicando graça e dom, através de Santa Maria, Mãe de Deus. Consagremos países, estruturas, escolas e fábricas, consagremos o mundo inteiro. Consagremos pobres e ricos, analfabetos e doutores, doentes e sãos, bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas, famílias, leigos de todas as idades e condições. Sejam todos consagrados Àquela que é a Cheia de Graça e os corações vão mudar, as vidas vão mudar, o mundo vai mudar. A Mãe de Deus, a Cheia de Graça, ajudar-nos-á. Confie-mos, consagremo-nos, rezemos, clamemos por Ela.

Mensageiros de Setúbal participam em retiro espiritual

O Movimento da Mensagem de Fátima da diocese de Setúbal realizou, no passado dia 12 de dezembro, o retiro espiritual de silêncio do tempo litúrgico do Advento, na Paróquia de S. Paulo, em Setúbal.

Ana Isabel Bugarin | MMF Setúbal

Este “tempo de reflexão e de oração” foi orientado pelo padre Luís Miguel Matos Ferreira, vigário episcopal da Pastoral da diocese e pároco de São Paulo.

Após a oração das Laudes, fomos convidados, através da leitura da passagem do Evangelho de S. Lucas, que nos relata a visita de Jesus a casa de Marta e Maria, a ficarmos aos pés do Senhor, em adoração, ouvindo-Lhe a Palavra, durante aquela manhã.

A mensagem de Fátima é a mensagem do Evangelho, transmitida pelo coração maternal de Nossa Senhora. O principal apelo da Mensagem de Fátima é a conversão. Conta-nos o Evangelho que Maria, após a anunciação do anjo e a decisão de aceitar e confiar no projeto de Deus (que nas suas belas palavras diz “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”), se pôs a caminho e se dirigiu apressadamente para a montanha, para uma cidade da Judeia e quando Isabel, sua prima, ouviu a sua saudação, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Assim também, em 1917, Nossa Senhora “pôs-se

a caminho”, foi ao encontro dos pastorinhos, Francisco, Jacinta e Lúcia, que viviam numa zona de campo, algo inóspita, numa altura em que o mundo se debatia também com a guerra e

a pandemia, como atualmente. E também os pastorinhos receberam e aceitaram o apelo de Nossa Senhora à conversão e abriram os seus corações ao amor de Jesus Cristo presente

em todos os sacrários da terra! Depois de serem tocados por Jesus, presente na Eucaristia, viveram a vontade do Senhor e fizeram-no com generosidade, coragem e a alegria da Boa

Nova!

Terminando a palestra, o padre Luís apelou ao silêncio durante a Adoração Eucarística que se seguiu e a que os mensageiros fossem missionários, desta vez, já na versão de Marta, ao serviço do Senhor. Durante a manhã ainda houve lugar para confissões. A manhã de retiro terminou com a oração do terço, contemplando os mistérios gozosos, seguido da Eucaristia, fonte de Vida Eterna.

Deixo as palavras do nosso Santo Padre e que transcrevi no convite endereçado aos responsáveis paroquiais da diocese:

“E qualquer cristão que não tiver medo de dedicar tempo à oração pode fazer próprias as palavras do apóstolo Paulo: ‘A minha vida presente, na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim’ (Gl 2, 20). A oração torna-nos conscientes disto. Só no silêncio da adoração experimentamos toda a verdade destas palavras”, friso o Papa Francisco. O Santo Padre afirmou que “temos de retomar o sentido da adoração. Adorar, adorar a Deus, adorar a Jesus, adorar o Espírito; o Pai, o Filho e o Espírito”.



Do encanto à vida - Vivência dos cinco primeiros sábados

Pe. Manuel Antunes

Ao menos tu, vê de Me consolar!

Durante algum tempo interroguei-me sobre o projeto de Deus anunciado por Nossa Senhora: Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. Não é um conselho nem um convite: é mesmo um querer!

O núcleo central deste querer é a vivência dos cinco primeiros sábados. Deus vê o infinito, mas nós apenas vemos o que se está a passar.

Já dissemos que a mensagem de Fátima é uma mensagem de Graça e Misericórdia. Deus, através do Coração Imaculado de Maria, quer fazer chegar até nós essa misericórdia. E aqui está um dos objetivos dos primeiros sábados. Por isso, Jesus e Nossa Senhora pedem-nos com insistência e urgência esta devoção. Há quem diga que é mais uma devoção, mas a vivência dos cinco primeiros sábados tem um dinamismo espiritual próprio para os tempos que decorrem.



Estamos num mundo mais preocupado com a cultura da inteligência do que com a cultura do coração. Contudo, ambas se devem promover simultaneamente.

A devoção dos cinco primeiros sábados é uma escola de formação do nosso coração. O modo como Nossa Senhora a pede à vidente Lúcia, e a cada um de nós, é comovente: Ao menos tu, vê de Me consolar!

Nossa Senhora pede esta devoção para reparar cinco pecados graves: os que negam a Sua Maternidade Divina, dizendo que Ela é apenas mãe de um homem; os que negam a Sua virgindade, dizendo que teve mais do que um filho; os que negam a Sua Imaculada Conceição; os que profanam as Suas imagens e os que procuram convencer as crianças de que Ela não é a Imaculada Conceição.

Nossa Senhora, humilde e serva, nunca procurou honras ou privilégios. Tudo Lhe foi dado em atenção ao Seu Jesus e, n'Ele,

a nós!

Após o 25 de abril, a pretexto da liberdade, foram destruídos 348 nichos com a imagem de Nossa Senhora, uma parte dos quais estava ao cuidado do Movimento da Mensagem de Fátima. Passado esse vandalismo, foram sendo reconstruídos e surgiram outros novos, construídos uns pelo Movimento, outros pela Associação da Imaculada. Entretanto, de vez em quando, ainda há desacatos!

É muito belo verificar como são acolhidas as imagens peregrinas de Nossa Senhora de Fátima por esse mundo além. Apesar das ofensas que Lhe fazem, e referidas nos cinco primeiros sábados, Ela vai triunfando! Em Fátima, Nossa Senhora disse: Por fim, o Meu Coração Imaculado triunfará!

Vivamos os cinco primeiros sábados colaborando nesse triunfo do Seu Imaculado Coração!

Em breve iremos refletir sobre a importância da confissão.

Reitor do Santuário exorta ao testemunho da alegria cristã

Padre Carlos Cabecinhas presidiu à peregrinação mensal de dezembro.

Cátia Filipe

O reitor do Santuário de Fátima, o padre Carlos Cabecinhas, presidiu à Missa da peregrinação mensal de dezembro, na Basílica da Santíssima Trindade. Esta celebração contou com a bênção das imagens do Menino Jesus que os peregrinos traziam consigo e das quatro imagens do Menino Jesus que foram usadas para a veneração no tempo do Natal.



O sacerdote, nas palavras que dirigiu aos peregrinos ali presentes, falou do tempo do Advento enquanto tempo de “piedosa e alegre expectativa” da vinda do Senhor, “sobretudo na liturgia

do terceiro domingo do Advento em que se torna mais explícita esta exortação à alegria, porque o Senhor está próximo; alegria porque Ele vem à nossa vida”. “Este é o motivo da nossa alegria pela promessa de Salvação presente na liturgia deste dia; e a exortação à alegria acompanha a celebração deste dia pois é a alegria que brota da fé e da confiança em Deus, que brota da certeza da proximidade do Senhor, pois o horizonte desta exortação é a vinda do Senhor”, disse, lembrando, ainda, que é por isso que “somos convidados à alegria e que o Senhor vem; Ele está próximo e não nos abandona nas dificuldades”.

Segundo o padre Carlos Cabecinhas o tempo do Advento “é marcado por esta alegria de quem sabe que o Senhor está próximo e que Se faz presente, de muitos modos, na nossa vida, mas à medida que se aproxima o Natal torna-se mais insistente esta exortação”. “Pode parecer uma exortação desajustada, devido à pandemia que vivemos, podemos falar de tudo menos de alegria, mas é sobretudo nes-

te momento que este convite à alegria é necessário e faz sentido”, alertou o reitor.

E é no meio das dificuldades que “faz sentido” esta exortação à alegria, “não para que tudo nos corra bem, mas porque sabemos que Deus não nos abandona, sobretudo nos momentos em que somos mais tentados pelo desânimo”.

“Celebrar o Natal é isso mesmo, saber que Deus se faz próximo de nós, das nossas dificuldades e angústias, afirmou.

“Preparar os caminhos do Senhor, preparar-se para O acolher é também remover tudo o que na nossa vida não aponta para Cristo, não O testemunha na nossa vida; e é importante darmos testemunho da nossa alegria pela Sua presença na nossa vida. É isto que cativa e que pode tocar os corações dos que estão connosco e é isto que nos falta tantas vezes como cristãos, a alegria de sermos cristãos e o testemunho dessa alegria”, alertou o padre Carlos Cabecinhas.

Esta celebração foi transmitida nos meios de comunicação digital do Santuário de Fátima.



Em casa

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

A pandemia forçou-nos a re-aprender a estar em casa, na habitação física que nos serve de lar, mas, sobretudo, a confrontarmo-nos com a casa da nossa própria interioridade, o santuário íntimo da nossa consciência, fora do qual vivemos demasiadas vezes.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Nos últimos meses, tudo confluía para desenhar um sinal de sentido obrigatório: «Vá para casa!». No hemisfério Norte, aliado à chuva e ao frio do inverno, o medo e as restrições em torno da pandemia e das possíveis novas vagas prolongaram a obrigação formal do confinamento, isto é, de estar em casa – esse espaço, no caso de muitas famílias, pequeno, a que a sociedade da pressa perversora, no dizer de Bertman, nos habituou a usar quase apenas para dormir, não para viver, não para nascer. A pandemia veio alterar radicalmente este modus vivendi, ainda que temporariamente. Força-nos (a re-aprender) a estar em casa: na habitação física que nos serve de lar, mas, sobretudo, a confrontarmo-nos

com a casa da nossa própria interioridade, o santuário íntimo da nossa consciência, fora do qual vivemos demasiadas vezes. A imposição de travar a evasão, de conviver com a solidão ou com o rosto dos que nos são, porventura, duramente próximos, com os nossos medos, com rotinas simples, com o silêncio, com a efemeridade da vida e de todos os esquemas que produzimos, levamos a interrogarmo-nos sobre o sentido das coisas.

Embora alvo de medidas restritivas mais benevolentes, vivemos um Natal com reservas ao habitual: o ir à “terra”, reunir os nossos, os presentes, os fritos, o “afetivamente-quentinho”, etc. Mas não continua esta circunstância grávida de oportunidade? Reduzimos o Natal a isto, mas o Natal não é isto. Longe do “quentinho” o Natal celebra a efetiva e

efetivada possibilidade de, fora da zona de segurança e de conforto, na pobreza e na solidão, nascer uma vida nova, geradora de um novo e sustentável paradigma de vida para toda a humanidade: é a vida do próprio Deus, luz terna e suave, acolhida na intimidade de “casa”, primeiramente de Maria, depois na pacatez de um estábulo, e que insiste no desejo de nos habitar para conduzir cada pessoa a viver na Sua própria “casa” e conceder essa condição de unidade, de fraternidade e de paz, inscrita no mais fundo do desejo humano.

Tradicionalmente, vivemos o Natal com os da nossa família. Mas ao falar da dinâmica da vida nova do Reino que o Natal inaugura, lemos na boca de Jesus: «Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos,

nem os teus parentes. Convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.» (Lc 14, 12a.13-14). Não será a família que o Natal inaugura muito mais do que os nossos? Um amor que sai da sua zona de conforto, da sua esfera divina e se abre radicalmente ao diverso de si, pobre e alheio, instaura, convida e torna possível o nascimento de uma relação nova: a fraternidade, uma família nova, inversa à dinâmica da expulsão do outro, extensível a todo o ser humano, ao que não é do meu clube ou do meu sangue, que inclui os meus, mas que passa a considerar os que não são meus tanto como aos meus.

Viver demasiado tempo em casa é duro. Mas só “em casa” é que este novo pode nascer. O si-

lêncio, a simplicidade e o tempo vividos em casa são elementos propícios para “voltar para casa”, isto é, para vivermos por dentro, para cuidarmos da vida interior. A oração, enquanto escuta atenta da voz de Deus, tem lugar “em casa”. Acolher essa voz é acolher-se como “casa” de Deus, garante da nossa “casa”. Sem esta conversão nunca estaremos “em casa” e sem ela não há Casa Comum, nem ecologia integral, nem fraternidade, nem ano novo, nem estilos de vida novos, verdadeiramente humanos.

Na esteira do que afirma um filósofo contemporâneo, Byung-Chul Han, um vírus não pode por si mudar a humanidade. Só a nossa decisão – a nossa conversão, pedia Nossa Senhora na Cova da Iria – dará origem a uma nova forma de viver, mais fraterna, mais equilibrada, mais humana.

João XXIII e Fátima: a devoção do Papa do Concílio ao Rosário

João XXIII foi um humilde peregrino de Fátima, em maio de 1956, e deslocou-se ao Carmelo de Coimbra para um encontro com a Irmã Lúcia, era ainda cardeal-patriarca de Veneza.

Carmo Rodeia | Este texto foi escrito a partir de várias entradas da Enciclopédia de Fátima, nomeadamente João XXIII e Fátima; Visitas papais e Venâncio, João Pereira

Depois da sua eleição, em 28 de outubro de 1958, até ao fim do seu pontificado, em 3 de junho de 1963, o Papa do Concílio Vaticano II nunca se deslocou a Fátima. Nessa altura os Papas também não saíam do Vaticano. Mas, dois anos antes, em maio de 1956, ainda cardeal-patriarca de Veneza, Angelo Roncali, veio a Portugal no contexto das bodas de prata da consagração do país ao Imaculado Coração de Maria e, em Fátima, presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de maio: “A lembrança de Fátima e das consolações que lá encontrei fazem-me venerar cada vez mais o preceito do Senhor: *evangelizare pauperibus et sanare contritos corde*, afirmaria o “bom” Papa João depois de ter peregrinado à Cova da Iria, onde permaneceu entre 9 e 15 de maio.

“Abençoa, boa mãe, esta tua nobre nação lusitana, que escolheste para novo santuário das tuas maravilhas e que chamaste a gozar, antes das outras, os benefícios da tua proteção” afirmaria ainda o cardeal.

A sua ligação a Fátima explica-se a partir da sua profunda piedade mariana, herdada na infância como o próprio confessor no início da homilia da missa internacional de 13 de maio de 1956: “Quando ainda menino, contemplava na humilde igreja da minha aldeia e do meu batismo dois belos quadros existentes no altar de Nossa Senhora: o do Coração de Jesus e o da Coroação de Maria. O primeiro interessava-me vivamente; via-o às vezes transportar para o altar-mor, a fim de lhe ser rendido culto especial. O outro, colocado junto da imagem de Nossa Senhora do Rosário [...]. Grande ventura representa para mim ter vindo a Fátima, a fim de compreender melhor a aproximação destes dois quadros e apreciá-los com uma alegria que sinto feita de ternura e devoção” afirma num relato publicado na edição de dezembro de 1958 do jornal *Voz da Fátima*. E prosseguiu a homilia afirmando: “O



João XXIII foi um Papa sempre ligado à Cova da Iria.

mistério de Fátima é comparável a um dos grandes trípticos de dois batentes que enriquecem as nossas igrejas mais antigas. No interior do primeiro, as três aparições do Anjo de Portugal às três crianças de Aljustrel. No grande quadro do meio, as seis aparições da Celeste Senhora na Cova da Iria. No terceiro batente, tudo o que se seguiu às misteriosas visões, isto é, o movimento espiritual que desta província da Estremadura se levantou e propagou, não só em Portugal, mas em toda a Europa e no mundo inteiro”. De entre os vários cardeais que tinham presidido em Fátima, o patriarca de Veneza demonstrava uma enorme simplicidade, abordando de forma muito objetiva e concreta, pela primeira vez, as aparições do Anjo aos três pastorinhos: “Estas três visões do Anjo não são mais do que o prelúdio sobre que perpassam as notas principais do drama místico de Fátima que se ia seguir”, afirmou ainda na homilia.

É, de resto, com esta simpli-

cidade que o futuro Papa João XXIII iria olhar sempre para Fátima.

Nos quatro anos e meio do seu pontificado, o Papa publicou uma encíclica sobre a devoção do Rosário, quatro cartas apostólicas e duas séries de reflexões para a meditação dos mistérios do Rosário.

Na encíclica *Grata Recordatio*, de 26 de setembro de 1959, João XXIII define o Rosário como “um excelente momento de oração meditada, composta à maneira de coroa mística, na qual se entrelaçam, com a consideração dos mais profundos mistérios da nossa fé, as orações do Pai-Nosso, da Ave-Maria e do Glória ao Pai Nosso, apresentando à mente, como em outros tantos quadros, o drama da Encarnação e da Redenção de Nosso Senhor”.

No ano seguinte, pela mesma altura, dirigiu ao cardeal Micara, vigário de Roma, uma carta a exortar os fiéis de Roma a rezarem o terço e aponta como intenções especiais mais uma vez

a paz no mundo, na altura muito ameaçada, e a preparação do concílio ecuménico.

Com data de 25 de abril de 1963, e ao aproximar-se mais um mês de maio, João XXIII endereça ao mesmo cardeal uma carta a convidar os fiéis de Roma, e de todo o mundo, a rezarem a Nossa Senhora pelo Concílio.

Nesse mesmo ano, a 26 de abril, o prelado de Leiria, D. João Pereira Venâncio anuncia aos seus diocesanos que, por concessão da Santa Sé, Nossa Senhora de Fátima foi constituída padroeira principal daquele território eclesial: “Rendamos o preito da nossa gratidão ao Vigário de Cristo, o Papa, tão profundamente mariano, João XXIII, que atendeu os nossos rogos. E é-me grato envolver neste preito de sentido reconhecimento o filho ilustre dos Missionários do Coração de Maria, o eminentíssimo cardeal Arcádio Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, providencial instrumento de Deus na concessão desta graça”, lê-se na carta publicada no boletim de informação pastoral – números 24 e 25 de 1963 – da diocese de Leiria.

Este cardeal Larraona haveria depois de presidir em Fátima, a 13 de maio de 1963, o que veio a revelar-se especialmente relevante por ser do seu dicastério a concessão de um novo texto para a Missa do Imaculado Coração de Maria, próprio da diocese de Leiria. Na homilia que proferiu afirmou: “jamais houve manifestação sobrenatural de Nossa Senhora de conteúdo espiritual tão rico como a de Fátima nem aparição alguma reconhecida nos transmitiu mensagem tão clara, tão materna, tão profunda como esta”. No final haveria de transmitir uma mensagem do Santo Padre, o Papa João XXIII: “Urge estabelecer no mundo a devoção ao Coração Imaculado de Maria como meio eficaz de salvação. E assim antecipar o seu triunfo definitivo sobre o mal, tal como Ela mesma anunciou nesta santa cova: Por fim o meu Imaculado Coração triunfará”.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



“A cultura do cuidado como percurso de paz”. Foi este o tema proposto pelo Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz, a 1 de janeiro. O nexos estabelecido pelo Papa entre a paz e a cultura do cuidado é um elemento também presente na mensagem de Fátima. Pode enquadrar-se neste espaço da Voz da Fátima explicitar este vínculo e refletir sobre ele.

É logo na primeira aparição que o Anjo, apresentando-se significativamente como “o Anjo da Paz”, inscreve no coração do movimento da alma que se ergue para Deus – “eu creio, adoro, espero e amo-Vos” – o cuidado pelo outro, concretamente a intercessão pela salvação dos que andam longe de Deus – “peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”.

Interceder pela salvação dos outros, todos, quem quer que sejam, desde que se insiram no critério do “não” dado a Deus, é o larguíssimo horizonte que Fátima oferece à cultura do cuidado. Tendo em conta este critério, ninguém é excluído da solicitude daquele que cuida intercedendo e, a partir da segunda aparição do anjo, sacrificando-se; aliás, o critério de inclusão na solicitude cuidadosa do intercessor/sacrificante é precisamente a auto-exclusão do âmbito de Deus.

Esta forma radical de cuidar do outro, não só o diferente de mim mas até o “inimigo”, enquanto ofensor de Deus, vence as distâncias e os conflitos e desenha o caminho da verdadeira paz. Mais universal e comprometedor não podia ser o horizonte que Fátima oferece à cultura do cuidado como caminho da paz. E as religiões, refere Francisco, “podem desempenhar um papel insubstituível na transmissão aos fiéis e à sociedade” dos valores da cultura do cuidado. Também desta tarefa o Santuário de Fátima é lugar.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Um regresso tranquilo e seguro à Cova da Iria

A 13 de março de 2020, face à evolução dos contágios pelo novo coronavírus no nosso país, o Santuário de Fátima comunicava a suspensão de todas as celebrações litúrgicas. A decisão responsável sobrepunha à importância da celebração da fé em comunidade o bem-estar e a saúde dos peregrinos e dos colaboradores do Santuário. Ao confinamento global que se assistiu nos meses seguintes, veio uma abertura progressiva e prudente, amparada por um conjunto de medidas de segurança que permitiram o regresso confiante e tranquilo dos peregrinos à Cova da Iria.

Diogo Carvalho Alves

Das últimas celebrações a ter lugar no Santuário de Fátima antes do confinamento de março de 2020, durante o qual estiveram suspensas as celebrações litúrgicas na Cova da Iria, foi a Missa da peregrinação mensal de 13 de março. Na homilia da celebração, o vice-reitor do Santuário antecipava a responsabilidade e solidariedade para os tempos que viriam.

“Este momento exige respostas, que só fazem sentido se agirmos de forma solidária e articulada uns com os outros, só sobrevivemos se cuidarmos uns dos outros”, afirmava o padre Vítor Coutinho.

Nos dias seguintes o Santuário punha em prática a responsabilidade a que apelava, assumindo uma decisão sem precedentes num século de história de Fátima. Durante cerca de dois meses, as celebrações na Cova da Iria realizaram-se à porta fechada, com a transmissão a ser garantida pelos canais digitais do Santuário de Fátima, onde eram acompanhadas por milhares de peregrinos.

A 19 de maio, iniciava-se um processo tímido de reabertura, em harmonia com o calendário estabelecido pelas autoridades e com um plano de segurança. Ao convite para o regresso cauteloso e responsável juntava-se um rol de medidas para evitar a propagação do vírus. Entre as recomendações, que ainda hoje se mantêm em vigor: o cumprimento do distanciamento social e da etiqueta respiratória; o respeito pela sinalética, que passou a definir percursos diferenciados e o uso obrigatório de máscara nos espaços fechados, que viram reduzida a sua limitação.

Para a Peregrinação Aniversária de Outubro, e depois se ter sido necessário o encerramento das portas do Recinto de Oração no decorrer da Missa Aniversária de 13 de Setembro, o Santuário impôs um limite ao número de peregrinos para aquele espaço ao ar livre, delimitando, em círculos assinalados no chão, a presença em grupos de coabitantes. A Peregrinação de 12 e 13 de Outubro foi vivida por quem veio à Cova da Iria com apertadas limitações de mobilidade, além de todas as regras e recomendações já definidas até então, mas, nem por isso, de forma intensa.

“Senti-me muito segura e tranquila”

Maria Iria é presidente do Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima de Beja e costuma vir mensalmente a Fátima, no desempenho da sua função. As limitações deste ano de pandemia apenas permitiram que estivesse por duas vezes na Cova da Iria: na Peregrinação Internacional de Agosto e na Peregrinação de Outubro.

“A 12 de agosto, pude assistir a todas as celebrações de forma tranquila e sem qualquer problema. Reparei apenas na falta de peregrinos. A 12 de outubro, a expectativa à volta das regras e dos cuidados era maior, com os círculos a delimitarem o Recinto de Oração... Talvez por isso tivesse havido muita gente que tenha deixado de ir, com o receio de não conseguir lugar. Eu estive sempre à vontade, no meu lugar, e reparei, inclusive, que havia círculos que não estavam preenchidos. Nas duas presenças, senti sempre muita ordem e respeito pelas regras de segurança”, atesta.

Durante a Peregrinação, Maria esteve na maioria dos espaços do Santuário e pôde constatar a comodidade e a boa implementação das medidas de segurança.

“Estive na Adoração, na Capela do Santíssimo Sacramento; na Capela da Reconciliação, onde me fui confessar; em agosto, fiquei hospedada na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores; no dia 12, participei na Missa, na Basílica da Santíssima Trindade; recitei o Rosário das 18h00, na Capelinha das Aparições e por ali fiquei sentada, em oração, com as minhas irmãs do Movimento; à noite, participei nas celebrações e acompanhei a Procissão das Velas... Em todos os espaços senti-me muito segura e muito tranquila e apercebi-me que tudo correu dentro da normalidade.”

Peregrinação vivida de forma mais intensa

Embora, em 2020, apenas tenha vindo ao Santuário por duas vezes, Maria Iria viveu essas duas presenças de forma mais intensa. “Pude entregar-me mais à ora-



ção, viver intensamente todos os momentos das celebrações e também sentia os peregrinos à minha volta entregues e agradecidos por aquele momento.”

O padre João Costa é pároco de Nogueira, Vale de Nogueiras e Andrães, no arceparquado de Vila Real, mas vem com uma frequência quinzenal a Fátima, onde moram os seus pais, e também fala de um ambiente mais profundo de oração que se pôde experimentar, por estes tempos, na Cova da Iria.

“Eu já gostava de ir ao Santuário nos dias que não estivesse lá muita gente, mas, agora, são quase todos. Mas as pessoas que estão, vê-se que estão verdadeiramente numa atitude de oração. Estive presente no 12 e 13 de outubro e senti que as pessoas que tinham vindo, estavam mesmo muito motivadas espiritualmente e isso percebe-se nos seus rostos... Sente-se que cada um está num momento de oração a Nossa Senhora e num profundo respeito pelo outro”, diz, ao constatar a “diferença imensa” no ambiente no Santuário entre os primeiros dois meses do ano e os que se seguiram, numa nova realidade que diz ter sido bem aceite pelos peregrinos.

“Devido à situação que atravessamos não há o convívio que havia e as pessoas acabam por estar concentradas no essencial, que é a oração, sempre respeitando as regras que estão em vigor. Quando lá estou, reparo que os vigilantes e os acolhedores nem precisam de interferir, porque se vive um bom ambiente, positivo e compreensivo da parte de todos.”

Uma prática que serve de exemplo

Nas vezes que estive na Cova da Iria o padre João Costa também celebrou a Missa e o sacramento da Reconciliação e confirma, também nestes âmbitos, “a mesma responsabilidade no cumprimento de todas as normas de segurança”, que considera serem um exemplo para a Igreja em Portugal.

“O Santuário é uma escola para todos nós. Em muitos aspetos, implementei também estas normas, que são as da Conferência Episcopal Portuguesa, mas que o Santuário de Fátima põe em prática de uma maneira muito profissional. Quer nos espaços celebrativos, quer nos confessionários,

sentimo-nos bem, e, ao mesmo tempo, em segurança. Por tudo isto, o Santuário continua a ser um espaço muito acolhedor, também para os sacerdotes, onde, respeitando as regras, se pode celebrar com toda a segurança e viver toda a dimensão espiritual”, refere o sacerdote, ao revelar uma percepção que também é partilhada pela sua mãe.

“A minha mãe, que vive em Fátima e tem 78 anos, vai todos os dias à Missa ao Santuário. No início da pandemia, eu estava um bocado preocupado, mas ela sempre me disse que se sentia muito segura e confirmou esta realidade em que os peregrinos respeitam as regras que estão em vigor, seja do uso de máscara ou do distanciamento”, conta o sacerdote, ao destacar uma prática que serve de exemplo também através das transmissões em direto das celebrações e que se traduz num “impacto positivo da visibilidade do Santuário de Fátima”.

“Os meus paroquianos, ao seguirem as Eucaristias que são transmitidas pelo Santuário, veem as regras que estão a ser ali praticadas e assumem-nas também com mais facilidade nas celebrações paroquiais, porque assistem a uma Missa, que apesar de todas as regras que são atualmente necessárias, continua a ser celebrada com a mesma dignidade e beleza.”

AGENDA

janeiro

16 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA
18 seg	OITAVÁRIO DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS 18 a 25 de janeiro
25 seg	CONVERSÃO DE SÃO PAULO, APÓSTOLO Festa
29 sáb	RETIRO DA LUZ - A VIDA NA LUZ (Tempo Comum) Escola do Santuário 29 a 31 de janeiro

fevereiro

2 ter	APRESENTAÇÃO DO SENHOR Festa DIA DO CONSAGRADO
11 qui	VIRGEM SANTA MARIA DE LOURDES Memória Obrigatória DIA MUNDIAL DO DOENTE